



II SIMPÓSIO BAIANO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: entre a teoria e a prática, articulações e resistências

3 a 5 de Julho de 2017, Salvador - BA

Eixo 1 - Estado, Capital e Políticas públicas no Campo **AS NOVAS REGIONALIZAÇÕES COMO EXPRESSÃO DA FRAGMENTAÇÃO DOS TERRITÓRIOS: O CASO DA REGIÃO DO AGRONEGÓCIO DE BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES**

Willian Guedes Martins Defensor Menezes
Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia
guedesmacaubas@yahoo.com.br

Maria Auxiliadora da Silva
Professora Doutora da UFBA/POSGEO

Resumo: Este estudo tem como proposição geral analisar a noção de região produtiva agrícola e os concomitantes processos de fragmentação e desigualdades socioespaciais resultantes. O período técnico-científico-informacional, caracterizado pela internacionalização do capital, provocou inúmeras mudanças, tanto na realidade concreta como na forma de pensá-la. Assim, as diversas frações da realidade passam a se articular sob novos fluxos, e com isso colocam em xeque a antiga noção de região. O capital avança sobre o campo brasileiro provocando transformações em todos os seus aspectos, contudo, de forma seletiva, excludente e priorizando certas culturas e áreas. O resultado é a expansão do agronegócio pelo território, priorizando os pontos e manchas mais rentáveis, ao mesmo tempo que os seus agentes ganham poder político e econômico. A compreensão deste novo conteúdo da região requer o entendimento de uma fração do território. Daí este estudo analisar aquilo que acreditamos ser uma nova regionalização, denominada aqui de *região do agronegócio de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães*. Ela está em pleno processo de evolução e em um intenso dinamismo, portanto, em um contínuo refazer. *A priori*, sua extensão pode compreender áreas dos cerrados dos estados da Bahia, Tocantins, Piauí e Maranhão. O processo de regionalização é produto da compartimentação geral dos territórios, contudo, no atual período ela se dá como fragmentação. Por isso, o presente projeto parte de uma regionalização que representa e expressa processos de fragmentações. O novo conteúdo da região pode ser traduzido em desigualdades socioeconômicas. A metodologia estabeleceu temas norteadores que vão responder pela definição das variáveis do estudo e que nortearão a produção de indicadores dos processos de fragmentação e desigualdades. São eles: reestruturação produtiva da agropecuária, uso do território e divisão territorial do trabalho. Considera-se como hipótese do presente estudo, a nova regionalização acompanhada por processos de fragmentação.

Palavras-chave: fragmentação, regionalização, agronegócio, globalização, agricultura.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, uma das maiores transformações no território brasileiro ocorre no espaço agrícola, principalmente em áreas de cerrados, onde se realizam reestruturações, como a produtivas e a urbana-regional, tendo como base a difusão do agronegócio e uma urbanização difusa. A expansão do capital nas savanas brasileira, ocorrida a partir da segunda metade do século XX, foi seletiva sobre o território, com uma manifestação desigual do meio técnico-científico-informacional, privilegiou as áreas propícias a mecanização; selecionando determinadas culturas, principalmente as *commodities*, a soja a principal delas, e beneficiando o capital agroindustrial. Foi uma revolução tecnológica que alterou de forma substancial o modelo técnico, econômico e social da produção agrícola nos cerrados. E originou uma agricultura científica globalizada (SANTOS, 2003) gerida por atores globais, como as grandes *tradings*, cujo interesse principal é o lucro.

A ocupação recente dos cerrados brasileiros está diretamente associada a moderna agricultura, neles formaram cinturões e fronteiras agrícolas¹. Estes belts e fronts agrícolas estimulam economias de aglomeração e uma urbanização difusa, metamorfoseando as regiões anteriormente povoadas ou os espaços ditos “vazios”. Assim, as ordens que hoje regulam esses novos fragmentos do território emanam dos principais centros urbanos do mundo, impondo uma compartimentação generalizada dos territórios, e acaba por promover novas regionalizações. Mas estas são a representação de verdadeiros processos de fragmentações, que se manifestam através de diversas formas.

NOVAS REGIONALIZAÇÕES COMO EXPRESSÃO DA FRAGMENTAÇÃO

Os estudos de Menezes (2012; 2016) bem como a pesquisa aqui apresentada demonstram que há a formação de uma escala regional dos fluxos do agronegócio que permite indicar a formação de uma região produtiva agrícola centralizada a partir das cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães. Sua dimensão pode compreender áreas do oeste da Bahia, sul do Piauí e do Maranhão e o nordeste do Tocantins. Apesar de outros núcleos urbanos da região desempenharem importante papel na dinâmica do agronegócio nesta área, a exemplo de Bom Jesus no Piauí e Balsas no Maranhão, os dados sugerem

¹ Ver sobre fronteiras agrícolas artigo de BERNARDES (2009, p. 14-15) e sobre cinturões agrícolas ver Santos & Silveira (2005, p. 118-121)

que o destaque maior vai para duas cidades baianas citadas anteriormente. Por este motivo, denominamos de *Região do Agronegócio de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães* a nova região em formação.

Essa regionalização é estudada por diversos autores, recebendo diferentes denominações. Como é o caso de MATOPIBA, regionalização utilizada por diversos meios de comunicação, órgãos públicos e entidades de classe. Destacamos seu uso pela EMBRAPA, Governo Federal e a AIBA (Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia). Os trabalhos realizados pela EMBRAPA e o decreto nº 8.447 de 2015 do Governo Federal² sobre o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do MATOPIBA acabaram por adotar a denominação de MATOPIBA³. Em outro trabalho, Bernardes (2009) conceitua a nova regionalização em BAMAPITO, que envolve o Oeste baiano, o Sudoeste e Sul do Piauí, o Sul maranhense e o Nordeste do Tocantins. A autora chama atenção ao processo de expansão regional do capital agrícola ter iniciado pelo oeste do estado da Bahia. Enquanto isso, Elias (2015) conceitua a nova regionalização de *Regiões Produtivas Agrícolas de Barreiras*. Já Alves e Rolim (2015) definem em *Cerrados do Centro-Norte do Brasil*. Existem ainda outras denominações, como MAPITIBA.

Contudo, a compartimentação atual dos territórios, que vai originar regionalizações como esta, acaba por fazê-la mediante fluxos que criam territórios fragmentados. Por isso, entendemos esse processo de regionalização acontece de forma concomitante a fragmentação. Neste trabalho, apresentamos duas formas de fragmentação: a primeira, parte da ideia que a nova *região do agronegócio de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães*, assim como outras regiões formadas por especializações produtivas, baseadas numa agricultura científica globalizada, são fragmentos diante do seu entorno e do contexto do território nacional; já a segunda, considera na escala intrarregional, onde manifestam outras formas da fragmentação, a exemplo de situações entre campo moderno e algumas cidades do seu entorno.

O período atual é baseado e produtor de conflitos. “Com tais desígnios, o que globaliza falsifica, corrompe, desequilibra, destrói”, afirma Santos (2008, p. 33). Ao mesmo tempo, o território apresenta-se tanto de uma forma integrada, própria da globalização, como fragmentado, visto a diferenciação do uso (PEREIRA, 2006). Assim,

² A agência criada pelo governo Dilma Rousseff foi extinta com o governo Michel Temer, em 2016

³ Um acrônimo criado com as iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Ver EMBRAPA (2014).

a produção de fragmentações em função da globalização é uma característica do atual período, ao passo que consiste na geração de desigualdades. É o que escreve Souza (2002, p. 21): “os processos de globalização e fragmentação implicam territórios diversos que se constituem, especialmente neste fim de século, em geografias da desigualdade”.

A agricultura moderna, cientificada e mundializada é “um exemplo dessa tendência e um dado essencial ao entendimento do que no país constituem a compartimentação e a fragmentação atuais do território”. (SANTOS, 2003, p. 80). E o domínio dos cerrados brasileiro é palco da expansão do agronegócio no país.

No entanto, a análise das condições atuais permite afirmar o contrário daqueles que imaginam o fim da região com o avanço da globalização. O que se vê é a permanência da região como algo concreto, enquanto prática espacial resultante e necessária do modo de produção, sobretudo no atual período. As regionalizações em cursos estão assentadas na nova compartimentação do território. É uma compartimentação que se dá, agora, sobre a formação de fragmentação. O novo recorte regional, ele próprio, corresponde a um “compartimento geográfico caracterizado pela especialização produtiva (rural e urbana) ‘obediente’ a parâmetros externos (em geral internacionais) de qualidade e de custos” (CASTILLO, p. 336-337, 2011). São processos que por um lado articulam as escalas locais e regionais a economia global através de lógicas verticais. Por outro lado, as horizontalidades, ainda que hegemônicas pela lógica vertical, “são extremamente difundidas, como evidenciado pela expansão das atividades econômicas, pelo aumento da população e do mercado de trabalho, pela chegada dos novos agentes econômicos [...] etc.” (ELIAS, p. 155, 2011). É uma nova compartimentação do território nacional baseada no uso corporativo do território, numa articulação em rede, complementar, hierárquica e excludente, por isso a nova compartimentação está acompanhada por uma alienação territorial e é promotora de fragmentações tanto da sociedade quanto do território.

OBJETIVOS:

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a noção de região produtiva agrícola e seus concomitantes processos de fragmentação e desigualdades socioespaciais resultantes, em áreas de expansão de uma agricultura científica globalizada. Já os objetivos específicos são: verificar os fluxos do consumo produtivo e consumptivos demandados pelos agentes do espaço agrícola; investigar a implantação de novos fixos

no espaço regional; identificar as principais políticas e ações do Estado para a região produtiva agrícola; e compreender movimentos pendulares entre campo e cidade no interior destas especializações produtivas.

A hipótese é de que a nova regionalização que se alastra pelo campo moderno brasileiro, representa e expressa processos de fragmentações espaciais. Em outras palavras, o novo conteúdo da região produz desigualdades socioeconômicas. Isso representa a expressão da dialético do território, exigente de uma nova Geografia, baseada na intensificação da divisão territorial do trabalho. Exemplos desta manifestação territorial seriam: *Uma produção agrícola alienada; Fragmentação de municípios em consequência de uma articulação regional/global; Articulações/desarticulação dos sistemas de ações; Sistemas de objetos como fator de fragmentação do território; Fragmentação dos territórios de comunidades tradicionais, a exemplo dos geraizeiros e Compartimentação e fragmentação do território*, conforme expôs Menezes (2014).

METODOLOGIA

A pesquisa está apoiada principalmente na metodologia desenvolvida por Elias (2013) para os estudos sobre *Regiões Produtivas Agrícolas – RPAs*; nos trabalhos de Castillo (2011) sobre *Região Competitiva* e de *Logística* e nos estudos de SANTOS (2003, 2006; 2008) e SANTOS e SILVEIRA (2005) sobre o novo conteúdo da região, a compartimentação e fragmentação dos territórios e a manifestação do meio técnico-científico-informacional em regiões agrícolas. Tendo em vista os pressupostos aqui trabalhados, os objetivos e a hipótese deste estudo, foi possível projetar, *a priori*, temas norteadores. Como sugere o próprio nome, são temas que nortearão a definição das variáveis do estudo e indicadores dos processos de fragmentação e alienação do território. Consideramos temas norteadores: reestruturação produtiva da agropecuária, uso do território e a relação entre divisão territorial do trabalho e formação da região.

A partir destes temas norteadores e seus respectivos conceitos e noções buscará a elaboração daquilo que chamamos de indicadores, capazes de respaldar o estudo da fragmentação e alienação do território e a discussão sobre a Região do agronegócio de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

RESULTADOS PRELIMINARES: A CENTRALIDADE DE BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES NA REGIÃO E SEU FATOR DE FRAGMENTAÇÃO

A agricultura científica globalizada necessita de centros urbanos locais e/ou regionais capazes de fornecerem produtos e serviços especializados as demandas do agronegócio e intermediar sua relação com o mundo e com as áreas de comando do país. Com isso, o campo moderno cria cidades ao seu modo. A cidade de Luís Eduardo Magalhães é um típico exemplo daquilo que Santos (2009) chamou de *cidade do campo*, e Elias (2006) denomina de *cidade do agronegócio*. O surgimento dessa cidade e seu crescimento econômico estão diretamente relacionados à modernização da agricultura dos cerrados baianos.

Santos (2003, p. 91) explica que “a agricultura moderna se realiza por meio de seus *belts*, *spots*, áreas, mas sua relação com o mundo e com as áreas dinâmicas do país se dá por meio de pontos”. Esses pontos são com frequência os centros urbanos. Para Corrêa, as necessidades vinculadas à produção, circulação e consumo no capitalismo implicam a existência de centros urbanos. “Parcela do valor excedente, ao circular, é apropriada nestes pontos (centros urbanos) e reinvestida, circulando de novo e gerando, assim, o aparecimento de novos fluxos” (CORRÊA, 2006, p. 29). O expressivo PIB de Luís Eduardo Magalhães, ver tabela 1, é resultado da concentração de serviços necessários à produção do campo de praticamente toda a região do oeste da Bahia com alcance que ultrapassa as fronteiras do estado. Essa cidade é regionalmente a mais beneficiada com a expropriação da renda agrícola regional.

Tabela 1 – PIB e variações adicionais em 2011 (em 1000 reais). Fonte: IBGE

	PIB	Valor adicional bruto da agropecuária em relação ao PIB	Valor adicional bruto da indústria em relação ao PIB	Valor adicional bruto dos serviços em relação ao PIB
Formosa do Rio Preto	792.783	470.078	20.697	263.948
São Desidério	1.233.109	832.783	64.339	290.666
Barreiras	2.133.238	410.960	331.589	1.196.894
Luís Eduardo Magalhães	2.773.656	308.594	618.078	1.465.278

Forma-se, principalmente em Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, um circuito superior do agronegócio responsável por atender o campo moderno de grande parte da região. Menezes (2014) identifica áreas de abrangência das empresas desse circuito superior, ligada ao agronegócio das cidades de Luís Eduardo Magalhães e Barreiras. Seu alcance chega até regiões agrícolas dos estados de Piauí, Maranhão e Tocantins. A exemplo de agricultores localizados na APROCHAMA, uma área de produção do agronegócio entre Piauí, Maranhão e Bahia, e no entorno de Bom Jesus, no Piauí. É o caso também da região do Jalapão, em Tocantins, onde há agricultura científica. Ali também são as empresas de Luís Eduardo Magalhães que atendem os produtores do agronegócio. Portanto, as empresas localizadas em Luís Eduardo Magalhães e Barreiras formam um circuito superior do agronegócio que acabam por ter um controle técnico da circulação regional da produção. Mas como estas são grandes firmas transnacionais, em última instância, essa circulação é controlada por atores globais, favorecendo a expropriação dos recursos regionais.

É uma nova compartimentação do território nacional baseada no uso corporativo do território, numa articulação em rede, complementar, hierárquica e excludente, por isso a nova compartimentação é promotora de fragmentações. Todavia, não se faz apenas no âmbito inter-regional, mas intra-regional, ou seja, internamente à região produtiva dão-se novas desigualdades.

Estudando Formosa do Rio Preto, município baiano localizado no oeste da Bahia, Menezes (2014) identificou que seu campo moderno está diretamente ligado e subjugado a política das tradings, principalmente Bunge e Cargill, e outras multinacionais (Jonh Deer/Agrosul, New Holland/Jaragua, Case, Lavrobrás/AGCO – Your Agriculture Company, Galvani, Corpa, ADM, Multigrain e Amaggi/Louis Dreyfus). As grandes firmas formam um circuito superior do agronegócio globalizado localizado em Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, com mais força na primeira cidade. Estes dois centros urbanos se destacam no cenário regional. Enquanto isso, as cidades de Formosa do Rio Preto e São Desidério, por exemplo, apesar de pertencerem aos municípios que estão entre os de maiores rendas agrícolas do país, não desenvolvem serviços especializados capazes de atender sua hinterlândia composta por um campo moderno, ver tabela 1. A concentração de serviços e produtos em Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, ver figura 1, acaba transformando-as em “cidades regionais”, que detêm um amplo poder técnico e um certo poder político.

A longa distância entre as empresas de Luís Eduardo Magalhães e o campo moderno de Formosa do Rio Preto não impedem aquelas de chegar aos agricultores em suas fazendas. Para tanto, existem as unidades móveis que frequentemente se deslocam até as fazendas, a exemplo da John Deere/Agrosul de Luís Eduardo Magalhães. As empresas localizadas nesta cidade acabam atendendo à demanda por produtos e serviços do campo moderno não só de Formosa do Rio Preto como dos demais municípios da região. Cerca de 30% das vendas da Case e da New Holland (Jaraguá), localizadas em Luís Eduardo Magalhães, são provenientes do campo de Formosa do Rio Preto. Todas essas empresas têm representantes específicos para atender aos agricultores de Formosa do Rio Preto; só a Jaragua/New Holland possui quatro vendedores dedicados aos agricultores de Formosa do Rio Preto. Por outro lado, Formosa do Rio Preto possui praticamente apenas uma modesta empresa (Gaucha Agrícola) fornecedora de insumos ao campo moderno.

A vocação global da agricultura científica somada a nova hierarquia regional conduz a fragmentação e alienação em territórios do município de Formosa do Rio Preto, evoluindo tanto o campo como a cidade. É a expressão da dialético do território, exigente de uma nova Geografia, baseada na intensificação da divisão territorial do trabalho.

É o circuito superior localizado nas cidades de Luís Eduardo Magalhães e Barreiras que mais contribui para o crescimento do seu PIB, ver tabela 1, e a condição hegemônica dessas cidades na região. O setor de serviços participa com 52,8% e 56,1% do PIB de Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, respectivamente, ver figura 1. Por outro lado, em Formosa do Rio Preto e São Desidério, é a produção em si (setor agropecuário) que contribui com a maior participação no em seus PIBs, com 59,2% e 67,5%, respectivamente.

A análise destes dados contribui para ressaltar o quanto as duas primeiras cidades, principalmente Luís Eduardo Magalhães, se distinguem das demais. Comparando do ano de 2005, quando da realização do estudo do REGIC, até 2011, mais de um bilhão de reais foram somados ao setor de serviços em Luís Eduardo Magalhaes.

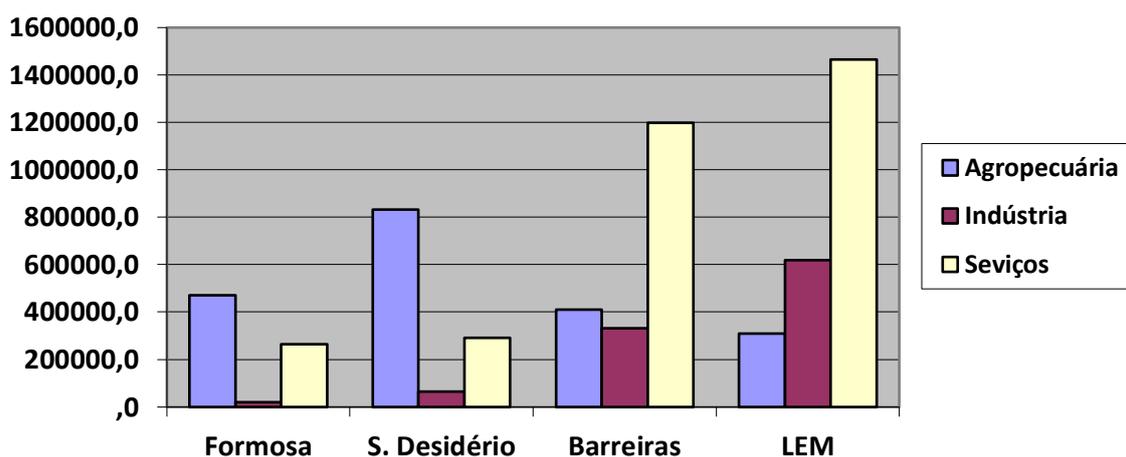
Por exercer parte desse controle técnico e político do trabalho na região, a cidade de Luís Eduardo Magalhães acaba por interferir na reorganização da rede urbana regional, modificando-a a seu modo. Foi assim que o projeto da Rodoagro⁴ foi pensado, tendo essa cidade como um importante ponto.

⁴ Ver MENEZES (2014)

Mas uma das características desta nova compartimentação do território e de uma nova regionalização é a produção de fragmentações. A própria *Região do Agronegócio de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães* apresenta-se como um fragmento em relação a seu entorno e também diante o território nacional. Surgem também, na escala intraregional, como no município de Formosa do Rio Preto, formas de fragmentação e alienação territoriais.

Figura 1 – Valores adicionais por setor ao PIB (ano 2011) nos municípios de Formosa do Rio Preto, São Desidério, Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

Fonte: IBGE



A alienação produtiva da região acompanha a fragmentação. Tão impressionante quanto a elevada produção agrícola do município de Formosa é também sua concentração em poucas culturas. Apenas três cultivos (soja, algodão e milho) representaram 98,4% de toda a produção agrícola do município no ano de 2012. Praticamente, esses 98,4 % foram obtidos pela agricultura moderna, cuja produção é para atender as demandas de grandes empresas (nacionais ou estrangeiras). Por outro lado, a agricultura que chamamos de tradicional, atualmente tem no plantio da mandioca um dos principais produtos, se não o principal, conforme apontaram as entrevistas realizadas⁵. Mesmo sendo tão expoente para as famílias que a cultiva, seu peso no total da produção municipal é irrisório, aproximadamente 0,1 % (500 hectares) de tudo que se planta no município, conforme demonstrou a Produção Agrícola Municipal em 2012 (IBGE, 2012).

⁵ Ver Menezes (2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou dinâmicas que atualmente marcam a ocupação dos cerrados brasileiro. São elas: a difusão de uma agricultura científica globalizada e um consequente processo de urbanização. Ambas contribuem para novas regionalizações sobre o cerrado brasileiro. Para um melhor entendimento da temática foi analisado o espaço que denominamos de *Região do agronegócio de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães*. As pesquisas por nós desenvolvidas desde o ano de 2012 apontam para a formação da região. No entanto, a nova regionalização é produto de uma compartimentação geral dos territórios, hegemônica por fluxos globais que acabam por impor suas demandas e provocar fragmentações nos territórios. As pesquisas de Menezes (2014) vista ao longo deste artigo demonstraram que tal processo de regionalização é acompanhado por outros processos de fragmentação.

A fragmentação manifesta-se por diversas formas. Duas delas apresentam-se de maneira clara: a primeira considera a nova *região do agronegócio de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães* como um fragmento diante do seu entorno e do território nacional, assim como outras regiões formadas por especializações produtivas baseadas numa agricultura científica globalizada também são; já a segunda forma é considerada na escala intrarregional, onde se manifestam outras formas da fragmentação, a exemplo de situações entre campo moderno e algumas cidades do seu entorno. Neste sentido, a região enquanto componente do espaço geográfico é tanto resultado do processo de fragmentação dos territórios como fator de fragmentação. É produto de fragmentação quando considerada como resultado da compartimentação dos territórios, cujo o domínio é exercido por dinâmicas globais. Já a região é fator de fragmentação quando analisamos sua sinergia de formação, implicando fragmentações intrarregionais. Como se observa nas consequências territoriais do comando técnico e político exercidos pelas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães em suas regiões de influência.

O presente artigo é fruto de uma pesquisa em curso e pretende entender melhor como estão ocorrendo os atuais processos de regionalização e fragmentação nas áreas de cerrados brasileiros. Acredita-se que esta pode ser uma importante contribuição ao debate sobre o avanço do agronegócio no campo brasileiro, suas consequências e um concomitante processo de urbanização difusa.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVES, Vicente Eudes Lemos; ROLIM, Lilian Nogueira. As migrações populacionais internas na década de 2000 a partir do censo demográfico de 2010: o caso da região de cerrados do centro-norte do Brasil. In: ALVES, Vicente Eudes Lemos (Org.). **Modernização e regionalização nos cerrados do Centro-Norte do Brasil**: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste de Tocantins. Rio de Janeiro: consequência Editora, 2015.

BERNARDES, Júlia Adão. Fronteiras da Agricultura moderna no Cerrado Norte/Nordeste: descontinuidades e permanências. In: BERNARDES, Júlia Adão; FILHO, José Bertoldo Brandão (Org.). **Geografia da Soja II**: a territorialidade do capital. Arquimedes Edições: Rio de Janeiro, 2009;

CASTILLO, Ricardo A. Agricultura Globalizada e Logística nos cerrados brasileiros. In: SILVEIRA, Márcio Rogério Silveira (Org.). **Circulação, transportes e logística**. Outras Expressões: São Paulo, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ELIAS, Denise. Reestruturação produtiva da agropecuária e novas regionalizações no Brasil. In: ALVES, Vicente Eudes Lemos (Org.). **Modernização e regionalização nos cerrados do Centro-Norte do Brasil**: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste de Tocantins. Rio de Janeiro: consequência Editora, 2015.

_____. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **R.B. Estudos Urbanos e Regionais** V. 13, Nº 2, nov. 2011. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/viewFile/400/376>
Acessado em: 16/03/2013.

_____. Ensaio sobre os Espaços Agrícolas de Exclusão. **NERA – Revista do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária - UNESP, Presidente Prudente, Ano 9, nº. 8, p. 29-51, Jan.-jun./2006.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=291110>>. Acessado em: 06 ago. 2013.

MENEZES, Willian Guedes Martins Defensor Menezes. **Globalização e fragmentação**: a agricultura científica em Formosa do Rio Preto – Bahia. 2014. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia (POSGEO). Salvador, 2014.

_____. **A fragmentação do espaço agrícola nas novas regionalizações do Brasil contemporâneo**: o caso do MATOPIBA. ENGA – Anais do Encontro Nacional de Geografia Agrária. São Cristóvão – Sergipe. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.

PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. O território sob o “Efeito Modernizador”: a face perversa do desenvolvimento. **Interações**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 8, Nº 13, p. 63-69, set. 2006. Campo Grande, MS.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 5ª ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Edusp, 2009.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A natureza do espaço:** espaço e tempo - razão e emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2005.

SOUZA, Maria Adélia A. Geografia da desigualdade: globalização e fragmentação. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território:** globalização e fragmentação. 5ª ed., São Paulo: Hucitec, ANPUR, 2002.